Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS
Vol. 16 Nº 33, Jul - Dez de 2024
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Intelectuais e limpeza étnica na guerra da Bósnia de 1992-1995: contribuições e legado.

The intellectual and ethnic cleansing during the war in Bosnia (1992-1995): contributions and legacy.

Renata Barbosa Ferreira*

Resumo: O presente artigo analisa o papel que os intelectuais sérvios e sérvio-bósnios desempenharam na promoção da limpeza étnica durante a guerra da Bósnia ocorrida no período de 1992 a 1995, buscando observar até que ponto sua condição de agente cultural influenciou ou impactou os eventos históricos. Ainda, busca-se observar qual foi o legado que a intelectualidade sérvia e sérvio bósnia deixou para o país no pós-conflito, passados quase trinta anos do fim da guerra. O argumento central é o de que o papel desses intelectuais, tanto os que atuaram dentro quanto fora da região, foi instrumental para o avanço dos discursos das lideranças políticas que buscavam a inferiorização étnica dos bósnios muçulmanos como justificativa da limpeza étnica. Por fim, observa-se que o legado nacionalista étnico da intelectualidade sérvia permanece presente na sociedade bósnia, voltando a colocar em ameaça a paz promovida pelos Acordos de Dayton de 1992.
Palavras-chave: Intelectuais; Guerra da Bósnia; Limpeza étnica.

Abstract: The present article analyses the role the Serbian and Bosnian Serbian intellectuals played in the promotion of ethnic cleansing during the war in Bosnia from 1992 to 1995 to observe how their condition of cultural agents influenced or impacted this historic event. Moreover, the article aims at observing the legacy of these intellectuals to the country after the end of the war. Our main claim is that the role of these intellectuals, both from inside and outside the country – was instrumental to the advancement of the political leaders' discourses which aimed at defining the Bosnian Muslims as inferior to justify the ethnic cleansing. Finally, we point out to the permanence of the ethnic nationalist legacy of the Serbian

* Possui graduação em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Mestrado em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Doutorado em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

intellectuals in the contemporary Bosnian society which has been presenting some serious threat to the peace promoted by the 1992 Dayton Accords.
Key words: Intellectuals; Bosnia War; Ethnic cleansing.

Introdução

Na última década, com a expansão dos meios de comunicação e o surgimento da internet e das redes sociais em geral, o debate sobre a relação entre intelectualidade e política voltou a ser promovido em diferentes áreas de conhecimento. Uma das principais razões para a retomada desse debate está relacionada aos novos modos de produção da comunicação política adotados tanto pelas grandes empresas de comunicação em massa quanto pelos atores políticos. Enquanto as empresas se tornaram agentes ativos na produção de narrativas políticas, os atores políticos se tornaram personagens midiáticos, ambos na tentativa de garantir espaços de poder.(WOOD, 1999) Em outras palavras, os novos meios de comunicação de massa levaram as grandes redes de comunicação a se deslocarem do papel de mediadores ou transmissores de informações para agentes participantes da dinâmica política e, ao mesmo tempo, abriram diferentes canais diretos entre as lideranças políticas e seus governados, alterando assim a forma de produção da comunicação política. Essa comunicação passou não mais a explicar e orientar racionalmente os cidadãos sobre as políticas defendidas ou implementadas, mas a buscar manipular os cidadãos em seus processos decisórios dentro e fora das fronteiras dos Estados.

Como consequência, o papel desempenhado pelos intelectuais junto à sociedade também passou por significativas transformações, o que ampliou as controvérsias em torno do seu significado e importância social. Nesse sentido, se para alguns estudiosos positivistas o papel do intelectual deveria ser o de analista científico e distante dos fenômenos, para outros o intelectual seria um agente de cultura. Nessa condição, ele teria um papel a desempenhar na história, servindo como inspiração para aqueles que estivessem no exercício direto do poder, tanto os que estivessem no *status quo* quanto os que estivessem em oposição (SALVADORI,1995). Ainda, além dessas duas visões há aquela que busca discutir a relevância e a efetiva capacidade dos intelectuais de influenciarem os agentes

políticos, dado que em muitas situações, os intelectuais são ignorados pelos agentes e suas recomendações ou análises acabam se tornando inócuas.

No entanto, como observa Norberto Bobbio (1996), o papel dos intelectuais se modifica com o tempo e suas relações com outros agentes societais se modificam da mesma forma. Para esse autor, os intelectuais são aqueles indivíduos que detém o poder das ideias e das palavras e que buscam fazer uso de ambos com o propósito de servir de inspiração para aqueles que estiverem exercendo o poder político. Bobbio percebia os intelectuais como homens de cultura que deveriam se dispor ao questionamento constante, produzindo mais incertezas do que certezas, fugindo dos dogmas, do diletantismo e das pseudo culturas. Para ele, assim, o modelo ideal de intelectual seria aquele cuja conduta implicasse em uma "forte determinação em participar das lutas políticas e sociais de seu tempo, mas não a ponto de se tornar alienado e incapaz de sentir o que Hegel chamava de 'o clamor retumbante da história do mundo" (BOBBIO,1996, p.79). Em outras palavras, o intelectual alinhado com seu papel deveria manter-se independente, mas jamais indiferente.

Embora a existência dos intelectuais ao longo do tempo, por si só, já indicasse sua relevância, o autor também observa que o surgimento dos intelectuais técnicos ou os *especialistas,* em paralelo aos intelectuais ideológicos, representa uma forte razão para que os que detém o poder político e econômico não os desconsiderem ou menosprezem. Essa segunda versão de intelectuais, mais conectada com os tempos modernos, tem trazido muitas preocupações para as sociedades atuais, pois aponta para o engajamento desses atores nas dinâmicas da nova comunicação política. Essas novas dinâmicas os transformaram em atores celebridades, expondo-os a fortes pressões e jogos políticos os quais levam as sociedades a questionarem seu compromisso ético de atuar em prol dos meios corretos de produção da política (WOOD, 1999).

Nesse novo contexto, o que testemunhamos é a perda da independência dos intelectuais tanto no exercício de seu papel de analista ou conselheiro político quanto na sua participação na política, fato que acaba gerando situações significativamente lesivas para as sociedades as quais eles deveriam zelar ou proteger. O fato é que mesmo os que permanecem no papel de intelectuais ideológicos também sofreram e sofrem transformações no seu modo de ação ao longo do tempo, muitas vezes contaminando ou se deixando contaminar pelos

contextos políticos e sociais nos quais se inserem, em fragrante desrespeito ao compromisso ético de figuras inspiradoras para o aprimoramento das práticas políticas e preservação da democracia. (BOBBIO, 1996)

No que concerne à política externa, essas discussões passaram também a ser relevantes, sobretudo com o final da Guerra Fria. Os eventos que marcaram os anos 1990 em diante trouxeram grandes desafios para a comunidade internacional, sobretudo por trazerem consigo novas ondas de nacionalismos em diferentes partes do globo, levando os intelectuais, em diferentes ramos de conhecimento, a repensarem seu papel e suas perspectivas sobre o globo e a humanidade. Em Relações Internacionais, mais especificamente, o momento de reflexão foi intenso, sobretudo em razão do forte domínio de leituras positivistas dentro da área as quais privilegiaram a ideia de conhecimento científico. Essa ideia favorecia a neutralidade em detrimento do conhecimento que considerasse o contexto histórico, os valores, as ideias e variáveis subjetivas como a identidade e a cultura. (SMITH, 1996) Essas variáveis foram, no entanto, incorporadas pelas leituras pós-positivistas às quais resgataram pontes interdisciplinares marginalizadas para alcançar a complexidade e profundidade dos novos desafios, sobretudo no que concerne ao tema dos nacionalismos.

Nesse contexto mais específico, as contribuições de historiadores como Eric Hobsbawn (1989) e Benedict Anderson (1983) foram fundamentais, na medida em que colaboraram para um exercício genealógico dos nacionalismos que trouxe de volta às relações internacionais importantes reflexões sobre o tema, tais como: 1. Identidades coletivas são múltiplas e variam de significado no tempo e no espaço, o que ajuda no entendimento do porquê uma comunidade valoriza uma identidade como a principal em detrimento das demais; 2. Fatores subjetivos como cultura e ancestralidade comum, além de fatores objetivos ou fenotípicos, podem ser utilizados como critérios para definir uma identidade coletiva; 3. Nacionalidade é apenas uma dentre as várias identidades possíveis, diferindo da etnicidade apenas por sua maior amplitude; 4. Estados podem ser etnicamente homogêneos ou heterogêneos a depender do número de comunidades que se identificam por suas etnias dentro do território; 5. O sentimento de pertencimento é um dos elementos subjetivos mais importantes na formação do amálgama que dá liga às identidades coletivas e que as transformam em “comunidades imaginadas” (ANDERSON, 1983);

6. A existência de múltiplas identidades em si não gera conflitos, mas sim o grau de tolerância à diferença existente entre elas; 7. Nacionalismos étnicos são aqueles em que comunidades étnicas estão em disputa para a garantia de seus direitos de sobrevivência dentro de um território específico e podem, segundo Anthony Smith (2007) de três tipos – de unificação, separatista e irredentista[1]; 8. Os graus de intolerância entre comunidades étnicas podem variar desde a restrição de direitos até o genocídio ou limpeza étnica.

O mesmo impacto se deu no ambiente da política internacional, dado que as dinâmicas políticas também passaram por profundas mudanças, uma vez que atores intraestatais se empoderaram a partir das novas tecnologias e passaram a encontrar novos meios e voz para exercer sua participação nessas mesmas dinâmicas através do fomento de nacionalismos étnicos. (KALDOR, 2012) Como resultado, o embate ideológico entre os detentores do conhecimento e da palavra se tornou mais complexo e intenso, pois estavam envoltos em falas de intolerância política, cultural e religiosa potencializadas pelas novas tecnologias as quais passaram a ampliar a capacidade e o alcance de sua influência. Ainda, essas novas tecnologias permitiram o empoderamento de novos atores cujas vozes representativas de camadas marginalizadas das sociedades passaram a ser ouvidas. (WOOD, 1999).

Isto posto, é com esse cenário de complexas formas de comunicação política e de múltiplos tipos de intelectualidade em mente, que buscaremos analisar no presente artigo qual foi o papel e a influência dos intelectuais e lobistas sérvios e bósnio-sérvios na promoção dos interesses do governo sérvio de formação de um grande Estado etnicamente homogêneo durante a Guerra da Bósnia de 1992 a 1995. E por que tratarmos desse caso em específico? Após a Segunda Guerra Mundial, o termo intelectual passou a ser tratado de forma pejorativa em razão da participação de grupos de intelectuais na disseminação de ideologias totalitárias que deram ensejo à guerra no cenário europeu. O envolvimento desses intelectuais com o nazismo, o fascismo e o comunismo os colocaram em condição de párias e muitos desapareceram ou emigraram, em busca de revisão de suas perspectivas ou de uma

[1] Nacionalismo de unificação é aquele no qual os grupos buscam unir territórios para se tornarem uma só identidade política enquanto que o separatista segue o movimento inverso, em casos nos quais uma etnia se sente cultural e politicamente incompatível com a etnia dominante. E irredentista, por fim, representa um grupo étnico que deseja se separar de uma comunidade política da qual faz parte para se unir a outra, com a qual se sente culturalmente e politicamente mais compatível. (para mais, vide Smith, 2007)

nova forma de se conectar com a política. Mas, outros buscaram permanecer em seus contextos sociais e políticos e encontrar novos meios de se manterem relevantes e influentes, mesmo que para isso precisassem perder sua independência ou sua ética. E esse é o caso em tela.

Como observaremos mais adiante, a Bósnia foi parte integrante da antiga Iugoslávia e seu processo de independência foi resultado de um embate de vozes em torno de movimentos nacionalistas étnicos na maioria fomentados pelas perspectivas de figuras e grupos de intelectuais em diferentes setores da política e da sociedade. E suas ideias e forma de produção de influência tornaram-se particularmente importantes não só para a eclosão da guerra, mas sobretudo para a promoção da limpeza étnica dos sérvios contra os bósnios muçulmanos. Por fim, o caso também demonstra como a atuação desses intelectuais se deu até mesmo fora do contexto da guerra, pois fez parte das preocupações de intelectuais sérvios e sérvio-bósnios a criação de mecanismos capazes de influenciar os governos das grandes potências ocidentais, sobretudo os EUA, para que suas políticas externas não representassem real empecilho à política de homogeneização étnica e de expansão territorial da Sérvia.

Assim, para melhor tratamento da questão, dividiremos o trabalho em três atos: no primeiro, apresentaremos brevemente os contornos do conflito na Bósnia enfatizando a atuação da intelectualidade sérvia e sérvio- bósnia dentro da Sérvia e da Bósnia para a promoção da limpeza étnica, buscando apresentar seus principais objetivos e meios de atuação durante a guerra. No segundo, daremos ênfase à atuação da intelectualidade e dos grupos de interesses sérvios e sérvio- bósnio dentro dos EUA junto ao governo norte-americano ao longo da década de noventa, analisando também um pouco de sua atuação dentro da Europa para observarmos como se deu sua influência no contexto da política externa. E, por fim, no terceiro ato, trataremos do legado deixado por esses indivíduos para a vida política atual da Bósnia, buscando observar qual o perfil da intelectualidade de hoje, quais são suas visões e que papel tem exercido junto à sociedade.

No entanto, dada a infinidade de atores e variáveis que a questão dos conflitos étnicos na região da ex-Iugoslávia demanda para seu entendimento, não nos prenderemos apenas ao estudo da intelectualidade burocrata, mas consideremos também os que estavam fora dela e inseridos na sociedade, sobretudo

na Igreja Católica Ortodoxa, uma vez que eles foram em grande parte responsáveis pela disseminação da ideia de que os muçulmanos da Bósnia eram seres inferiores e uma ameaça que deveria ser eliminada. Desconsideraremos, contudo, a análise do papel dos intelectuais que militaram contra a ideia de homogeneização étnica e a favor do multiculturalismo, para preservarmos o foco do artigo.[2]

Por fim, adotamos aqui as considerações de Robert Merton (1968) quanto ao entendimento de que um intelectual é "aquele que cultiva e formula conhecimento" o qual pode estar ou não inserido na burocracia. No entanto, dada a quantidade de informações prestadas aqui, fica impossível caracterizar individualmente as condições de inserção social e a classificação de cada intelectual citado. Em concordância com os autores Robert Merton, Karl Manheim (1974) e Antônio Gramsci (1978), assim, trabalharemos com a consideração do intelectual como ator social, e nos guiamos pela mesma curiosidade desses autores em desvendar a função do intelectual na sociedade e sua relação com os sistemas de ideias.

A intelectualidade sérvia e o conflito na Bósnia

Até bem poucos anos antes da desintegração da ex- Iugoslávia, a realidade dos indivíduos na Bósnia era de convivência multicultural e multinacional pacífica, marcada por um avançado processo de mistura de culturas e de secularização. Isso contribuiu em muito para que a ênfase na etnicidade, em razão dos movimentos nacionalistas sérvios e croatas, ao tempo da Segunda Guerra Mundial, fosse progressivamente enfraquecida. O clima interno era de respeito à cidadania e à diversidade cultural, garantido pelo sistema implantado por Josif Broz Tito, que conferia representatividade a todas as culturas dentro de cada república e promovia a união de todos os eslavos do sul dentro da Iugoslávia. As novas gerações de cidadãos bósnios tinham sua identidade cada vez mais fundada na sua condição de bósnio e de iugoslavo, sobretudo os cidadãos de cultura muçulmana que, em sua maioria, desejavam afastar a possibilidade de retomada de políticas com bases étnicas. Os muçulmanos sabiam que, se as políticas nacionalistas étnicas fossem

[2] Consideramos que a análise desses intelectuais merece um artigo à parte, dada a riqueza de contribuições e variáveis analíticas que suas contribuições trazem para o debate de identidades coletivas, memória e política internacional. No entanto, para não deixá-los sem alguma menção no texto, trataremos de suas contribuições contemporâneas em resposta ao que ocorre na Bósnia hoje na última seção do presente artigo.

retomadas, eles seriam os maiores prejudicados, pois, ao contrário dos sérvios e dos croatas, não possuíam um território fora da Bósnia onde sua população fosse maioria e onde eles pudessem encontrar apoio e acolhida (MALCOLM, 1996).

O reforço da identidade ligada à cidadania não significava, no entanto, o abandono de elementos culturais como as tradições, os hábitos e a referência religiosa, mas representava apenas uma diminuição da ênfase nesses elementos na diferenciação dos grupos dentro da Bósnia e um realce da identidade bósnia, como fator distintivo a demarcar a fronteira entre esse grupo de indivíduos e o resto da federação, além da manutenção da identidade iugoslava como fator distintivo maior em relação aos outros países. A constituição dessa identificação foi possível, no entanto, porque à liderança comunista que estava no controle da federação interessava a convivência pacífica dos vários grupos culturais existentes dentro da Iugoslávia, não importando a existência de outras formas de identificação grupal entre os indivíduos, desde que a identidade iugoslava e o lema *"brotherhood and unity"*, propagado pelo governo de Tito, prevalecessem (FERREIRA, 2001).

Contudo, um grupo de líderes sérvios – guiados por interesses políticos e materiais muito fortes – possuíam perspectivas diferentes sobre qual deveria ser o tipo de identidade predominante a separá-los dos outros habitantes da federação. A liderança sérvia não só retomou a etnicidade como forma de organização social na antiga Iugoslávia, como dela fez uso para destruir as fronteiras existentes, baseadas na cidadania e no multiculturalismo. Mais do que isso, ela vinculou a etnicidade ao território, uma vez que passou a pleitear a posse de territórios etnicamente homogêneos. Demonstrando um claro domínio da dinâmica de geração de novas fronteiras e uma total consciência das vantagens que seu uso estratégico poderia produzir, esses líderes tiraram o máximo proveito do ressurgimento de ressentimentos étnicos em Kosovo para retomar a identificação étnica como forma de organização em toda a ex-Iugoslávia e para rotular novamente os indivíduos de acordo com suas características culturais distintas. Por outro lado, a percepção dos reais interesses dos sérvios forçou os outros grupos a também organizarem-se em linha étnicas para tentar amenizar ou reverter os efeitos da propaganda orquestrada contra eles e para defender seus próprios interesses (MALCOLM, 1996).

No caso dos muçulmanos bósnios, no entanto, a tentativa de impor a própria definição para desqualificar a que os sérvios procuraram impor a eles foi em grande

parte prejudicada pelo medo de que ela transformasse a agressividade dos sérvios em violência contra sua comunidade. Esse medo dividiu a comunidade étnica muçulmana e enfraqueceu tanto sua possibilidade de reversão do *labelling* negativo a eles imposto pelos sérvios como a própria defesa dos seus membros, que foram massacrados e violentados de todas as formas (FERREIRA, 2001). O desenvolvimento da estereotipia da identidade muçulmana começou a ocorrer a partir do lançamento do *Memorandum* da Academia Sérvia de Artes e Ciências em 1986. Na primeira parte do documento, elaborado por vinte e sete intelectuais membros da academia, a demanda era o reexame da constituição de 1974 para que os territórios das províncias de Kosovo e Vojvodina fossem reintegrados à Sérvia; na segunda parte, os intelectuais exigiam o reconhecimento dos enormes sacrifícios humanos e materiais dos sérvios para a formação da Iugoslávia durante as duas guerras mundiais e defendiam a elaboração de um programa nacional para que a Sérvia restabelecesse a sua prosperidade.

Segundo o *Memorandum,* a única saída para garantir a existência e desenvolvimento dos sérvios era a unidade territorial do povo sérvio a ser alcançado com a formação de um grande Estado sérvio. Embora o *Memorandum* tenha recebido duras críticas do governo da federação e tenha causado um grande escândalo à época, seu conteúdo passou a ser cada vez mais considerado pelos sérvios, sobretudo por Slobodan Milosevic. Havia entre esse líder político e a elite intelectual sérvia um entendimento comum de que povo = nação = Estado etnicamente homogêneo e, por isso, a retomada da questão nacional sérvia e do plano de formação de um grande Estado fez com que as comunidades não-sérvias e, em especial, os muçulmanos se sentissem justificadamente ameaçados, pois sua simples existência comprometia os planos políticos da liderança sérvia que desejava ampliar territorialmente seu Estado e torná-lo etnicamente homogêneo (MALCOLM, 1996).

Entre os membros da Academia Sérvia de Ciências e Artes estava a figura de Vasa Cubrilovic, um conspirador sobrevivente do assassinato do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando e um antigo conselheiro do governo real iugoslavo. Enquanto ocupava essa posição, Cubrilovic escreveu o Memorando “A expulsão dos Albaneses” no qual ele citava os sucessos de Hitler e Stalin na expulsão de judeus e outros grupos como modelos a serem admirados pelos sérvios. Segundo Philip J.

Cohen (1996), o documento propunha a prática do terror como forma de expulsar os albaneses em massa para a Albânia e para Turquia e defendia a perseguição contínua como parte de um programa orquestrado pelo governo para gerar uma "psicose de emigração". Finda a Segunda Guerra Mundial, Cubrilovic ocupou vários cargos ministeriais no governo de Tito e, com a morte dele, Cubrilovic passou a concentrar seus esforços na retomada do nacionalismo sérvio, contribuindo para a redação do *Memorandum*. (COHEN, 1996)

Outro autor de peso do *Memorandum* foi Dobrica Cosic, escritor de vários livros e ensaios políticos nos quais os sérvios eram retratados como uma nação superior nos Bálcãs e equiparados aos judeus em seus sofrimentos, pois ele propagava a ideia de "os sérvios eram um povo eternamente sofrido cujo martírio não era menor do que o dos judeus no Holocausto" (COHEN, 1996, p.12) Em 1992, Cosic se tornou chefe de cerimonial da federação iugoslava (= Sérvia e Montenegro) e forneceu reforço intelectual aos propósitos de guerra do presidente sérvio Slobodan Milosevic.

Para que a proposta de homogeneização étnica dos territórios a serem conquistados fosse aceita, figuras importantes da elite nacional sérvia começaram a moldar uma imagem estereotipada dos muçulmanos como estrangeiros, inferiores, e uma ameaça para tudo o que os sérvios tinham como caros. (CIGAR, 1995) O impacto dos discursos desses intelectuais, políticos e líderes religiosos atingiu todas as camadas da sociedade sérvia, angariou legitimidade e apoio popular para a política nacionalista de Belgrado e forneceu uma justificativa para a realização da limpeza étnica.

Uma das pessoas que contribuiu muito para a formação dessa perspectiva estereotipada dos muçulmanos foi Vuk Draskovic, com a obra NOZ (= faca, em servo-croata), publicada em 1982 e reeditada várias vezes nos anos seguintes. Nesta obra, ambientada durante a Segunda Guerra Mundial, o autor descreve os personagens muçulmanos como traidores e frios assassinos e deixa clara a sua crença na inexistência dos muçulmanos como uma comunidade legítima, pois, de acordo com os relatos, os muçulmanos eram, na verdade, descendentes de sérvios que se converteram séculos atrás ao islamismo e que, por isso, traíram a nação.

Outros intelectuais seguiram desenvolvendo argumentos claramente racistas contra os muçulmanos. Dragos Kalajic, por exemplo, excluía os muçulmanos da

família europeia de nações e os classificava como uma forma espontânea e inconsciente da subcultura semi-arábica. Para ele, os bósnios muçulmanos eram herdeiros genéticos dos soldados otomanos, o que os marcava com uma série de defeitos como falta de ética, propensão ao roubo, preguiça, autoritarismo, desejo primitivo de poder etc., e que os tornava um perigo para os sérvios, perigo esse só evitado com o uso da força. (CIGAR, 1995)

Por outro lado, foram os estudiosos sérvios especialistas no estudo do Islão que exerceram um papel fundamental na estereotipia dos muçulmanos e no convencimento da população sérvia a favor da campanha anti-muçulmana. Imbuídos da retórica política nacionalista, esses intelectuais usaram a própria respeitabilidade e credibilidade como estudiosos do islamismo para tornar a hostilidade para com os muçulmanos algo intelectualmente aceitável para boa parte da população. Como observa Norman Cigar (1995, p.38), "(n)o mínimo, esses acadêmicos, como reconhecidos especialistas no assunto, cristalizaram e reforçaram estereótipos generalizados em relação ao Islão e forneceram pretensa justificativa acadêmica para quaisquer medidas que o governo pudesse tomar contra os muçulmanos". Seus argumentos eram os de que os muçulmanos e o Islão eram retrógrados e de que eles representavam uma ameaça à civilização moderna como um todo, e não só aos sérvios.

Um dos mais ativos cientistas políticos e especialistas em Islão a propagar essas ideias foi Miroljub Jetvic que alegava que o "Islão se opunha às relações justas, à tolerância, ao diálogo ou à coexistência" e que o Corão e o *Shariah* permitiam a "destruição daqueles que tinham outra religião". Contudo, ao perceber que os muçulmanos bósnios não eram praticantes fervorosos da fé islâmica e que muitos deles eram membros do partido comunista, Jetvic passou a se referir a um "fundamentalismo islâmico secular" e a um "Islão comunista" para tornar todo o grupamento muçulmano alvo de hostilidade. Jetvic ainda insistia que uma forma silenciosa, mas não menos perigosa, do jihad estava sendo promovida pelos muçulmanos bósnios, os quais estariam aumentando suas taxas de natalidade, construindo mesquitas e exercendo pressão sobre a população não muçulmana para subjugar e destruir a Sérvia. (CIGAR, 1995)

A igreja ortodoxa sérvia, por sua vez, também teve importante participação no processo de construção da imagem negativa dos muçulmanos. Sua motivação

advinha da oportunidade que este processo oferecia de promover dois de seus interesses: os espirituais, de propagação da fé e multiplicação de seus seguidores, e os temporais, ou seja, o objetivo de alcançar maior influência no cenário político. Por isso, a igreja ortodoxa emprestou seus termos religiosos para reforçar o sentimento de hostilidade dos sérvios para com os muçulmanos, posicionando-se claramente em favor da expansão territorial e da formação de um Estado puramente sérvio. (FERREIRA, 2001)

Além disso, a igreja permitiu que os meios de comunicação que estavam sob o seu controle fossem usados par realizar propaganda anti-muçulmana e pró Grande Sérvia como, por exemplo, o jornal Glas Crkve. Nesse jornal, a igreja publicou inúmeros artigos e um conjunto de trabalhos de Vuk Drascovic os quais eram por ela considerados "literatura que criava um grande movimento espiritual de renovação e renascimento entre os sérvios". (CIGAR, 1995, p.39) Ainda, a igreja ortodoxa também colaborou para que o uso da força fosse moralmente aceitável, ao retratar a luta contra os muçulmanos como uma experiência religiosa para os sérvios e cujo auto sacrifício seria uma grande contribuição para a realização dos planos de Deus e da humanidade de eliminar o mal e a opressão.

Philip J. Cohen (1996) observa que em 1989 a igreja ortodoxa sérvia orientou suas arquidioceses dentro e fora da Iugoslávia para transmitir a agenda política de Belgrado e para revisar e distorcer fatos históricos para que os sérvios fossem retratados como vítimas e o ódio contra os muçulmanos e os croatas fosse disseminado. O resultado de todas essas categorizações negativas dos muçulmanos foi a desumanização de sua figura, o que facilitou a aceitação da limpeza étnica como forma de eliminação do perigo a que a comunidade sérvia se acreditava submetida, e de promoção de um grande Estado etnicamente homogêneo. O processo de desumanização atingiu seu ápice quando a comparação dos muçulmanos a uma doença que precisa ser erradicada passou a fazer parte dos discursos da igreja ortodoxa. O maior efeito de comparações como essa foi a licença moral nela implícita para a adoção de práticas violentas e a absolvição fornecida àqueles que se propusessem a 'erradicar a doença'. Vale aqui a lembrança de que o treinamento dos exércitos paramilitares foi realizado com base nesses argumentos os quais também motivaram Radovan Karadzic a comandar o processo de limpeza étnica na Bósnia. (CIGAR, 1995)

No que concerne aos líderes políticos envolvidos diretamente com o governo nacionalista de Slobodan Milosevic e com a realização da limpeza étnica, no entanto, a situação foi diferente. Eles jamais fizeram declarações públicas que deixassem claro a adoção por parte do governo de uma estratégia política para a realização da homogeneização étnica da Bósnia. Suas declarações públicas indicavam apenas seu posicionamento a favor da eliminação da ameaça muçulmana e, mesmo assim, eram raras, tendo sido realizadas no início dos conflitos na Bósnia, momento em que não havia ainda uma propaganda governamental de negação da ocorrência do genocídio. Essa propaganda só passou a ser feita posteriormente, para tentar esconder dos países ocidentais as atrocidades que foram sendo cometidas e para tentar convencê-los a levantar os embargos econômicos que acabaram sendo impostos à Sérvia (FERREIRA, 2001).

A intelectualidade sérvia e sérvio–bósnia na Europa e nos Estados Unidos: a comunidade sérvia dos emigrados

Diferentes foram os fatores que influenciaram as perspectivas e o modo como os países ocidentais se comportaram diante dos conflitos na ex- Iugoslávia em geral. Os europeus e, em especial, os britânicos, estavam desde o início dominados por determinismos históricos e culturais que favoreciam em grande medida aos sérvios e que os faziam insistir no apoio à manutenção da unidade iugoslava. No caso dos britânicos, sua participação se mostrou especialmente significativa não só porque eles estiveram na presidência da Comunidade europeia durante um dos períodos mais críticos da guerra, de dezembro de 1992 a junho de 1993, mas em razão das opiniões emitidas por suas instituições governamentais e acadêmicos as quais tiveram considerável influência sobre o modo como os conflitos foram lidos, sobretudo nos EUA, além de representarem um dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU (FERREIRA, 2001).

A perspectiva histórica determinista dos britânicos e, dos europeus em geral, estava não só na postura de preservação de antigas alianças do passado, o que levava os britânicos a um certo grau de serbofilia, mas também ao entendimento de que a guerra na Bósnia era resultado de antigos ódios étnicos que inevitavelmente terminariam em guerra. O determinismo cultural, por seu turno, estava

caracterizado pela crença de que os conflitos nacionais do pós Guerra Fria estavam marcados por fatores culturais irreconciliáveis.

Muito dessa crença se deveu à repercussão dos escritos de Samuel Huntington (1997), ao formular uma teoria segundo a qual fatores culturais, como a religião, a etnia etc. seriam os novos responsáveis pelos conflitos da nossa era, apesar de toda a secularização e do progresso tecnológico alcançados até hoje. Assim, a explicação para os conflitos na ex-Iugoslávia era a de que eles representavam a retomada de antigas alianças civilizacionais marcadas por uma lealdade primordialista[3] à religião (CONVERSI, 1996). Segundo Daniele Conversi, a serbofilia dos britânicos começou bem antes da Segunda Guerra Mundial, por volta de 1870, com William Ewart Gladstone, um crítico do imperialismo, o qual demonstrava admiração pelos movimentos nacionalistas rebeldes dos sérvios em razão de sua capacidade de abalar cada vez mais o Império Otomano.

Embora não fosse uma posição unânime, a admiração de Gladstone, compartilhada por muitos intelectuais progressistas dentro e fora da Grã- Bretanha, era expressa até mesmo na literatura da época, como em *Fausto* de Goethe e na obra *History* of *Serbia* de Leopold van Ranke. Nesta última, o autor enfatizava a necessidade de defender os sérvios e "separar os cristãos dos turcos". Essa separação também era defendida por eminentes teólogos e representantes da Igreja inglesa anglicana, que reforçavam a visão de que o cristianismo ortodoxo era uma forma de oposição ao cristianismo de Roma (FERREIRA, 2001).

Além desses grupos, ainda existiam os nacionalistas, que em toda a Europa celebravam a luta dos sérvios contra o Império Otomano, uma luta vista muitas vezes em termos épicos, onde o nacionalismo estaria, em última instância, defendendo a civilização ocidental. Com a Primeira Guerra Mundial, a simpatia pelos sérvios tornou-se mais consistente e menos romântica e, embora essa simpatia não fosse uma unanimidade, aqueles especialistas em Bálcãs que não apoiavam os sérvios em suas lutas contra os Austro-Húngaros eram mal vistos pelo governo britânico. Daniela Conversi (1996) observa que a serbófila mais influente desse período foi Rebecca West, cuja obra *"Black Lamb and Grey Falcon"* foi responsável pela primeira imagem da Iugoslávia para o mundo, uma imagem que se tornou

[3] Isso significa que esses grupos civilizacionais interpretariam as diferenças religiosas como as variáveis independentes a causarem os conflitos.

bastante popular na Grã-Bretanha e nos países de língua inglesa – inclusive nos EUA – e que engrandecia os nacionalistas sérvios e caracterizava os povos não sérvios da região como uma ameaça a ser contida.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a política de busca de aliados britânicos os dividiu entre os partidários comunistas de Tito e os nacionalistas sérvios do movimento Cetnik liderado por Draza Mihailovic. Naquele contexto, as alianças com cada grupo, então, foram feitas de acordo com os interesses estratégicos de resistência contra os nazistas e, ao final, os partidários de Tito acabaram sendo os escolhidos para receber o apoio dos britânicos, permanecendo alvo de interesse dos estudiosos marxistas e dos estrategistas ingleses até a Guerra Fria. (MALCOLM, 1996)

Nesse período, a experiência neomarxista dos iugoslavos chamou muito a atenção do Ocidente, não só por ser antinacionalista, mas também por tentar criar uma nova e mais liberal forma de marxismo. Isso tornaria a Iugoslávia uma potencial aliada dos países ocidentais, os quais conferiram enormes benefícios ao regime de Tito para que seu governo servisse de ponte entre o Leste e o Oeste. Por essa razão, muitas das violações aos direitos humanos praticadas durante o regime de Tito foram toleradas pelos países ocidentais em razão do temor de que Tito ficasse enfraquecido diante da URSS. Assim, durante toda a Guerra Fria, a Iugoslávia foi apresentada como mais um elemento de contenção do expansionismo soviético.

Os que eram a favor dos nacionalistas de Mihailovic, contudo, continuaram a exercer influência sobre parte da sociedade britânica e tornaram-se críticos permanentes da política externa britânica e dos representantes políticos de esquerda, tidos como naturais apoiadores do regime de Tito dentro da Grã-Bretanha. Com o fim do período Titoísta e a ascensão de Slobodan Milosevic, as duas tendências pró- sérvias se fundiram, um processo amplamente facilitado pelo sentimento anti-croata que era comum entre ambos os grupos e que havia sido construído a partir das lembranças das atrocidades cometidas pelos Ustasha durante a Segunda Guerra Mundial. (FERREIRA, 2001)

Dentro da Iugoslávia, Milosevic fazia uso dessas memórias para criar uma pretensa ameaça à nação sérvia e conseguir apoio para a realização de seus objetivos políticos dentro e fora do país, procurando fomentar a crença de que o movimento

Ustasha estava sendo revivido na Croácia por Franjo Tudjman[4]. Em consequência, os croatas passaram a ser rotulados de neofascistas e a serem hostilizados pelos britânicos e europeus, em geral, mesmo depois que o exército nacional iugoslavo, sob o comando dos sérvios, já praticava atrocidades[5]. O mais surpreendente, todavia, foi a contaminação de todos os partidos políticos da Grã- Bretanha por essa falsa ameaça fascista, algo que, para a maioria dos analistas da reação internacional aos conflitos nos Bálcãs, já revelava o relativismo moral dos europeus para com as atrocidades e o interesse deles em não intervir nos conflitos (CONVERSI, 1996).

Esse contexto favorável aos sérvios permitiu que grupos de indivíduos partidários fizessem um lobby cada vez mais forte em Londres em favor da causa sérvia, procurando reafirmar o sentimento anti-croata e tentando negar a ocorrência do genocídio. Esse movimento se dava através da disseminação de falsas informações de que eram os muçulmanos os que realizavam as atrocidades ou, então, de que eles estavam se autodestruindo para comprometer os sérvios perante a comunidade internacional. Conversi (1996) aponta duas figuras importantes cujas opiniões influenciaram amplamente os políticos britânicos em suas escolhas políticas em relação à Bósnia: a jornalista Nora Beloff e o acadêmico John Zametica.

Nora Beloff, uma militante anticomunista e firme opositora de Tito, redigia suas análises tomando por base informações obtidas com os membros da comunidade de sérvios emigrados que viviam em Londres e, por isso, suas interpretações estavam eminentemente marcadas pelo nacionalismo sérvio. Suas análises eram uma repetição dos argumentos contidos na propaganda sérvia que vinha de Belgrado desde o final dos anos oitenta e, apesar de sua visão comprometida, ela era frequentemente consultada pelos políticos britânicos, entre eles o ministro das relações exteriores, Douglas Hurd.

John Zametica, por sua vez, escreveu uma monografia que passou a ser muito respeitada no meio político britânico e que foi publicada pelo Instituto Internacional de Londres para assuntos estratégicos. Nela, o autor apontava como principal causa dos conflitos a “revolta dos albaneses de Kosovo”, que teriam provocado a resposta do nacionalismo sérvio. Suas opiniões influenciaram não só os políticos como

[4] Um historiador e político que se tornaria presidente da Croácia em 1990.
[5] O processo de esfacelamento da Bósnia foi marcado por violência entre todas as três etnias, com predominância, no entanto, das atrocidades promovidas pelos sérvios contra os Croatas e Bósnios, dados seus interesses de controle territorial e formação de um Estado homogêneo etnicamente.

também os acadêmicos britânicos e forneceram justificativa para o posicionamento pró-sérvio dos britânicos e para a inação diante da prática da limpeza étnica (CONVERSI, 1996).

É importante lembrarmos, contudo, que embora essas opiniões tenham influenciado fortemente o comportamento dos britânicos e dos europeus em geral, elas não foram o fator principal a motivar a política de distanciamento. O grande fator motivador foi, na verdade o desejo dos europeus de solucionar ou estancar o conflito ao menor custo possível e de impedir que problemas como os refugiados os atingissem de forma mais séria, vindo a lhes causar maiores prejuízos. Diante desse quadro, com os principais políticos britânicos bastante impactados pela propaganda sérvia - e entre eles o primeiro-ministro John Major, o ministro das relações exteriores Douglas Hurd e o secretário de defesa Malcolm Rifkind – o governo sérvio e seus aliados se sentiram amplamente protegidos e seguros para poderem realizar sua política genocida e permanecerem impunes. (FERREIRA, 2001)

Nos Estados Unidos, algumas das mesmas obras que exerceram influência favorável aos sérvios na Europa, também foram tomadas como primeiras fontes de informação sobre a Iugoslávia. A principal delas foi o já citado livro de Rebecca West, *"Black Lamb and Grey Falcon"*. Richard Holbrooke (1999, p.22) observa que

> (a)s atitudes abertamente pró-servias e a visão dos muçulmanos como racialmente inferiores de West influenciaram duas gerações de leitores e policymakers. Alguns de seus outros temas foram retomados em uma roupagem moderna em 1993 no best seller muito aclamado de Robert Kaplan, Balkan Ghosts: A Journey through history, o qual deixou muitos de seus leitores com o sentimento de que nada poderia ser feito pelos que estavam fora da região tão intensos que eram os antigos ódios. De acordo com os relatórios da imprensa, o livro causou profundo impacto no presidente Bill Clinton e outros membros de sua administração logo que ele assumiu o cargo.

Foi a partir dessas primeiras impressões é que surgiu também entre os norte-americanos, a ideia de que o que causava os conflitos na ex-Iugoslávia eram antigos ódios étnicos os quais tornariam inútil qualquer tentativa externa de fazê-los cessar. Essas impressões impregnaram a maior parte dos políticos americanos ao longo de toda a guerra e eram expressas até por pessoas que tinham tido contato direto com a realidade interna da Iugoslávia as quais poderiam, portanto, produzir uma análise

diferente e mais sensata das origens dos conflitos. Lawrence Eagleburger, que havia sido o penúltimo embaixador americano na antiga Iugoslávia e Secretário de Estado em 1992, ainda durante a Administração de George Bush, mesmo depois de as notícias das atrocidades realizadas pelos sérvios contra os muçulmanos já estarem sendo veiculadas para todo o mundo, afirmava que " essa tragédia não era algo que poderia ser resolvido de fora. Enquanto os Bósnios e os Croatas não decidirem parar de matar uns aos outros, não há nada que o mundo exterior possa fazer" " (apud Holbrooke, 1999, p.23)[6] A verdade era que as tragédias ocorridas na ex-Iugoslávia não eram o resultado de antigos ódios, mas sim a consequência de uma política criminosa, promovida por um grupo de políticos liderados por Slobodan Milosevic e criada para realizar objetivos pessoais de busca de poder e riqueza.

No que concerne aos EUA, sua política para a antiga Iugoslávia, desde o momento em que Tito rompeu com a União Soviética em 1948, vinha sendo a de fingir ignorar o quanto possível todos os problemas internos do país - inclusive a violência do regime ditatorial de Tito - pelo seu interesse estratégico de manter um Estado antissoviético em uma região importante da Europa, mesmo que esse Estado fosse comunista e não democrático. Quando a Iugoslávia começou a dar sinais de crise e de possível desintegração, contudo, os americanos, assim como o resto do mundo, estavam voltados para outros eventos historicamente importantes e que traziam grandes mudanças para a realidade internacional que até então se conhecia, como a queda do muro de Berlim, o desmembramento da URSS e o fim do comunismo, e a invasão do Kuwait pelo Iraque. (HOLBROOKE, 1999)

Enquanto o fim da Guerra Fria e a nova ordem mundial tomavam conta dos debates e da atenção dos políticos, analistas e jornalistas de todo o mundo, na Iugoslávia o nacionalismo de Milosevic se fortalecia e levava a crise vivida pelo país a um nível cada vez mais agudo. Quanto aos EUA, seus esforços de combater Saddam Hussein e de lidar com as dificuldades impostas pela desintegração da URSS haviam consumido muito de suas energias e recursos, fatores que, assim como o fracasso da intervenção na Somália, contribuíram para que os norte-americanos demorassem a formular sua reação aos conflitos nos Bálcãs. Além disso,

as eleições presidenciais americanas estavam há um ano de acontecer, um fator que se tornou determinante para que os políticos norte-americanos procurassem meios de não se envolver nos problemas da Iugoslávia.

O governo de George Bush, de acordo com declarações de um membro do Conselho de Segurança Nacional da época, David Gompert, já sabia, um ano antes de os conflitos começarem, que políticos demagogos estavam gerando o caos na Iugoslávia e levando a situação para um conflito, e, no entanto, permaneceu imóvel, se dizendo incerto sobre se havia alguma atitude externa que pudesse impedir que os conflitos eclodissem. A posição adotada pela administração de Bush foi, ao final, apoiar a manutenção da unidade iugoslava, sob a liderança do então primeiro-ministro Ante Markovic e se opor a qualquer movimento emancipatório das repúblicas que se realizasse de forma violenta e unilateral, sem passar pela tentativa de negociação. Ainda, os movimentos do governo se restringiram a fazer admoestações verbais aos líderes políticos sérvios, croatas e eslovenos sobre quais recairiam as decisões dos EUA se eles não se decidissem a entrar num acordo. (FERREIRA, 2001)

Medidas militares não eram nem de longe cogitadas, perdendo - se com isso um tempo precioso no qual uma reação mais incisiva dos norte-americanos poderia ter evitado toda a tragédia que se seguiria. Holbrooke (1999, p.27) relata que

> Em Junho de 1991, o secretário de estado James Baker fez sua única viagem a Belgrado(...). A percepção de Baker sobre a situação refletia em seu relatório pessoal de Belgrado para o presidente Bush naquela noite, citada em suas memórias: “Meu entendimento é o de que não produziremos um diálogo sério sobre o futuro da Iugoslávia até que todas as partes tenham um maior senso de urgência e perigo. Nós podemos não ser capazes de promover isso de fora.

Segundo o autor, essa era uma impressão totalmente equivocada, pois os iugoslavos não só estavam cientes da seriedade da situação, como esperavam ansiosamente que os EUA e seus aliados interviessem. Para Warren Zimmerman (APUD HOLBROOKE,1999, p.27), o último embaixador americano na Iugoslávia, " a recusa da administração Bush em impor o poder americano mais cedo foi o maior erro dos norte –americanos em toda a crise iugoslava. Essa recusa produziu um

resultado inevitavelmente injusto e desperdiçou a oportunidade de salvar mais de cem mil vidas.

Os europeus, como vimos mais acima, estavam contaminados por uma visão pró-sérvia e, embora desejassem ampliar sua participação e poder no cenário internacional, também desejavam resolver a questão com o mínimo de esforço possível, sem nenhuma intervenção militar. O reconhecimento da independência da Croácia pela Alemanha, no entanto, veio demonstrar a falta de coesão entre as posições políticas dos europeus e a sua imaturidade em agir como um bloco. Mesmo contrários à atitude dos alemães e favoráveis à manutenção da integralidade da Iugoslávia, os norte-americanos nada mais fizeram do que declarar sua posição.

Ainda durante as negociações para se alcançar um acordo de cessar-fogo entre sérvios e croatas na Krajina, os EUA mantiveram-se totalmente distantes e deixaram que todo o esforço fosse realizados pelos negociadores da Comunidade Europeia, o inglês Lorde Carrington, e da ONU, o americano Cyrus Vance. A presença de Cyrus Vance - que já havia ocupado o cargo de Secretário de Estado norte-americano- no entanto, foi interpretada por muitos como uma participação dos EUA nas negociações. O governo Bush, nesse caso, além de não desfazer a falsa impressão ainda tirou proveito dela para manter uma imagem favorável do país em relação ao conflito a custo zero. (HOLBROOKE, 1999)

O pior passo do governo norte-americano, todavia, foi apoiar o embargo de armas, votado pelo Conselho de Segurança da ONU também em 1991, porque ele não só aumentou a exposição dos muçulmanos-bósnios aos ataques sérvios como aumentou sua vulnerabilidade, dado que eles não tinham fábricas de armamentos que os abastecessem e lhes permitissem se defender. Em razão do conjunto desse situações, o cessar-fogo negociado por Cyrus Vance em 1992 só poderia ter resultado no que resultou: no domínio de fato de mais de um terço do território croata pelos sérvios e a continuidade da limpeza étnica perpetrada pelos sérvios contra os croatas bem diante dos olhos da segunda maior força de paz já enviada pela ONU para uma região. (FERREIRA, 2001)

No entanto, em 1992, logo após a independência da Bósnia, quando os conflitos atingiram a região, os EUA estavam vivendo o clima de disputa presidencial e o caso da Bósnia passou a ter outro significado e acabou servindo como um dos principais argumentos de campanha de Bill Clinton, que passou a

criticar duramente seu oponente, o presidente George Bush, cujo governo ainda permanecia inerte na coerção do conflito.

> Criticando a administração Bush por virar as costas às violações de direitos humanos básicos e por ser lento em sua tomada de decisão, (Clinton) convocou Bush a demonstrar "real liderança" e defendeu ataques aéreos pelos EUA se necessário contra os sérvios se eles continuassem a bloquear a entrega de ajuda humanitária ao povo cercado em Sarajevo. Bush retrucou atacando seu oponente por "assumir uma abordagem descuidada que indicava a necessidade de Clinton fazer 'o dever de casa'. No entanto, no início de Agosto, parcialmente em resposta a essas críticas, a administração Bush ajustou sua política, incitando o Conselho de Segurança a usar a força, se necessário, para entregar ajudar humanitária na Bósnia. (HOLBROOKE, 1999, p. 41/42).

Nesse momento, o grande medo de pessoas de fato preocupadas com a situação na Bósnia, como Richard Holbrooke, que nesse momento ainda não havia sido escolhido como Assistente do Secretário de Estado norte-americano para Assuntos Europeus e Canadenses e se tornado o principal arquiteto dos Acordos de Dayton que dividiram a Bósnia, era o de que, após a eleição, Bill Clinton esquecesse suas promessas de campanha de fazer os EUA serem os catalisadores para uma frente coletiva contra a agressão e decidisse tratar a questão com a mesma inércia do governo de Bush . A equipe do novo presidente norte-americano chegou à Casa Branca em Janeiro de 1993, momento no qual Cyrus Vance e David Owen – esse último em substituindo Lorde Carrington na representação da agora União Europeia nas negociações para os conflitos na Bósnia - propuseram um plano que dividiria a Bósnia em dez cantões cujo controle seria dividido entre sérvios, croatas e muçulmanos. No entanto, apesar das trocas de representação, desde o início a nova equipe já se encontrava profundamente dividida a respeito da Bósnia, nela havendo muitos que, como Colin Powell, defendiam o não-envolvimento militar dos americanos no conflito e outros que eram a favor de uma ação direta contra os sérvios. (MALCOLM, 1996)

Procurando não comprometer as ações da ONU, os EUA tentaram, em 1994, propor aos europeus que se fizesse o levantamento do embargo de armas imposto desde 1991 e um subsequente bombardeamento aéreo contra os sérvios para tentar resolver o conflito, mas os europeus foram radicalmente contra essas propostas. A

resistência dos europeus e do Conselho de Segurança não só favoreciam os sérvios e prolongavam a desgraça dos muçulmanos - que continuavam sendo assassinados, torturados e expulsos aos milhares- como também comprometia a política externa norte-americana e a nova administração. Por outro lado, as dificuldades do governo americano estavam também em alcançar um certo consenso e apoio interno para uma política mais agressiva de intervenção.

A situação na Bósnia, em termos de um acordo que fizesse cessar os conflitos e desse uma solução que satisfizesse a todos os diretamente envolvidos - sérvios, croatas e muçulmanos- era marcada por um grande impasse, pois o plano Vance-Owen havia sido rejeitado, bem como as outras versões que dele se seguiram. Para piorar, os croatas e muçulmanos haviam quebrado sua aliança e os ataques contra os muçulmanos eram ainda mais intensos. Diante do quadro cada vez mais caótico, os europeus passaram a insistir para que os norte-americanos se reengajassem nos esforços diplomáticos para solucionar o conflito.

Assim, em Abril de 1994, o Grupo de Contato formado por negociadores representantes das cinco potências - EUA, França, Alemanha, Rússia e Grã-Bretanha - tomou as rédeas das negociações e elaborou um plano de paz que dividia a Bósnia em duas entidades, uma para os sérvios-bósnios, que compreenderia a 51% do território bósnio e outra para os muçulmanos e croatas (que a essa altura já estavam unidos novamente, desta vez, em uma federação bósnio-croata[7]) que possuiria 49% do território. O acordo, no entanto, também não foi aceito pelas partes, sobretudo por Milosevic, que via a oportunidade de continuar forçando a conquista de mais territórios. (FERREIRA, 2001)

Desse modo, em 1995, os sérvios começaram a atacar as zonas de exclusão e os *safe havens* sob proteção da ONU, o que fez com que os europeus abandonassem um pouco suas resistências de intervenção e aceitassem os pedidos da OTAN para que bombardeios aéreos contra os sérvios fossem feitos. Contudo, os sérvios responderam com a captura de *peacekeepers* e a sua utilização como escudos humanos para impedir que os bombardeios contra eles continuassem e, por essa razão, mais uma vez, o Conselho de Segurança cedeu aos sérvios e não mais permitiu que bombardeios fossem feitos.

[7] Croatas e Bósnios se aproximam e se afastam em diferentes momentos dos conflitos iniciados pelos Sérvios. Para maiores detalhes ver (AUTOR, 2001)

O governo Clinton, então, procurou fazer um esforço concentrado para dar uma solução negociada para a guerra e, assim, entre Agosto e Novembro de 1995, foi realizada uma maratona de negociações diplomáticas nas capitais balcânicas até que se chegasse aos Acordos de Dayton, assinados em 14 de Dezembro de 1994, os quais dividiram a Bósnia novamente em duas entidades, agora considerando 51% dos territórios para a Federação bósnio-croata e outra com 49% para os sérvios. Mas, como comenta Susan L. Woodward (1997), a constituição que foi escrita em Dayton criou um sistema político falho e complexo que em muito perpetuaria as desigualdades e problemas existentes na antiga Iugoslávia de Tito e ainda contaria com o peso de reconstrução de uma sociedade dilacerada pela destruição e pela guerra.

Por fim, muitos dos questionamentos contemporâneos, no que concerne ao genocídio na Bósnia, procuram desvendar os motivos que levaram tantos intelectuais ocidentais a insistirem na produção de análises que não só confundiram as vítimas com os agressores, e tomaram todas as partes como igualmente culpadas pelo conflito, como cobriram com sua credibilidade opiniões de criminosos como Radovan Karadzic e Ratko Mladic, mesmo depois que os movimentos dos sérvios e os horrores da limpeza étnica já eram conhecidos pelo mundo.

Na Sérvia a importância da propaganda governamental nas rádios, jornais e televisão foi logo percebida como fundamental por Slobodan Milosevic para o alcance de seus interesses e muitas agências governamentais sérvias atuaram na campanha de desinformação de Milosevic, que reforçava, entre outros, os seguintes argumentos:

1. o conflito na Bósnia era uma guerra civil no qual todas as partes eram igualmente culpadas,

2. o fundamentalismo islâmico era uma ameaça ao Ocidente e a Europa não deveria permitir que uma nação islâmica- a Bósnia – dentro do seu continente, pois ela poderia servir de suporte para mais regimes fundamentalistas violentos,

3. os muçulmanos bósnios praticavam violência contra si próprios para ganhar a simpatia dos países ocidentais,

4. o líder dos bósnios–de origem muçulmana–Alija Izetbegovic[8] seria um fundamentalista islâmico,

5. os povos da região dos Bálcãs estariam se desentendendo por milhares de anos e seus conflitos são resultado de antigos ódios étnicos irreconciliáveis (CUSHMAN & MESTRONIC, 1996).

Já dentro dos EUA existiram indivíduos e grupos de interesse pró Sérvia que atuaram em grande medida para tentar difundir essas informações e manter o embargo de armas que foi imposto à Bósnia em 1991 pela ONU. De acordo com líderes sérvio-americanos, os sérvios eram duplamente vítimas, pois não só sofriam as alegadas agressões de croatas e muçulmanos como sofriam com uma alegada falta de acesso aos meios de comunicação fora dos Bálcãs que se dispusessem a mostrar seu lado no conflito.

Brad Blitz (1996) observa que no início dos anos 1990 membros da comunidade sérvia existente nos EUA começaram a se organizar politicamente e procurar formar comitês para praticar lobby em favor dos interesses sérvios. Entidades como a Sociedade Benevolente Sérvia e a Federação Nacional Sérvia começaram a estabelecer bases em cidades como Pittsburg, Chicago, Cleveland, Los Angeles e em São Francisco. Se antes dos conflitos seus objetivos eram puramente religiosos e culturais, com a guerra esse quadro se alterou e essas organizações começaram a apoiar o conceito de pureza étnica e o direito exclusivo de autodeterminação e unificação territorial ao povo sérvio na região dos Bálcãs.

Essas associações passaram, assim, a buscar a afiliação de um número cada vez maior de cidadãos sérvios emigrados e residentes nos EUA a partir da promoção da identificação de grupo étnico perseguido e vítima da desestruturação da antiga Iugoslávia, ao mesmo tempo em que negavam o genocídio cometido contra os muçulmanos e croatas na Bósnia. Dentro da burocracia norte-americana, a figura emblemática a defender e promover os interesses sérvios foi a congressista sérvio – americana Helen Delich Bentley que abordava, a partir de seu escritório em Washington, americanos sérvios e tentava criar uma comunidade lobista forte para promover a agenda política de Milosevic, a quem ela admirava e defendia.

[8] Um advogado e político bósnio que se tornou presidente da Bósnia em 1992 antes da eclosão da guerra.

Os argumentos de Bentley eram baseados em releituras dos eventos históricos e na distorção dos fatos de modo a colocar os sérvios como vítimas e a tentar impedir a imposição de sanções sobre a Servia e Montenegro, além de buscar a criação de políticas que objetivavam impedir a distribuição de ajuda humanitária para os muçulmanos e croatas na Bósnia. Ela advogava fortemente a solução negociada do conflito baseada em tratamento justo a todas as três partes, pois essa política garantiria o avanço dos ganhos sérvios e a formação de um Estado etnicamente homogêneo, conforme as ambições dos líderes em Belgrado. Por fim, ela buscava tirar das costas dos sérvios a responsabilidade pelo início dos conflitos e redistribuir a culpa pelas atrocidades ocorridas na região (BLITZ, 1996).

Em 1991, Bentley ajudou a fundar uma das mais proeminentes e atuantes organizações sérvio – americanas, a SERBNET, que funcionava com o suporte financeiro da Igreja Ortodoxa Sérvia e investia pesado em propaganda, como o vídeo elaborado em 1993, distribuído por toda a comunidade sérvio-americana e a muitos políticos influentes, jornalistas etc. O vídeo, intitulado, *"Truth is the victim in Bosnia"*[9] promovia uma revisão histórica que misturava mitos oficiais a citações parciais de autoridades, colocadas fora de contexto, como foi o caso do embaixador britânico na ONU, Sir David Hannay.

Um dos maiores participantes dessa campanha foi o ex–general da ONU, Lewis Mackenzie, que dava entrevistas reforçando o mito do *equal guilty*. Mackenzie realizou dúzias de discursos pelos EUA e foi o primeiro a tornar público o argumento do general sérvio-bósnio, Radovan Karadzic, de que os muçulmanos estavam bombardeando a si mesmos e, embora ele negasse publicamente qualquer vínculo com a SERBNET, a organização, no entanto, não escondia seu suporte a ele (BLITZ, 1996).

Philip Cohen (1996) ainda aponta a existência de um jovem advogado, David Erne, que ofereceu serviços voluntários à Comissão de Especialistas da ONU cuja atuação precedia as atividades do Tribunal Internacional Criminal para a ex Iugoslávia na coleta de dados para a formação dos processos. Em março de 1994, esse advogado submeteu um relatório para a consideração da Comissão com um conteúdo que apresentava informações distorcidas, marcadas por preconceitos e

[9]O vídeo pode ser visto no endereço a seguir: https://www.youtube.com/watch?v=fNqHfIugmaU&t=296s , acessado em 10 de Janeiro de 2024.

extremamente tendenciosas, no qual a figura de Radovan Karadzic era descrita como um líder honrado, com formação acadêmica em psiquiatria em Nova York e autor de inúmeros livros de poesia.

No entanto, o jovem advogado, ao elaborar o relatório, omitiu o fato de que ele era vice-presidente da organização Congresso da Unidade Servia, a qual dava grande suporte ao regime de Belgrado. Outra advogada, Tanja Petovar, enquanto exercia as mesmas funções de Erne, ao recolher testemunhos de mulheres vítimas de estupro durante a guerra, levava consigo, sem autorização, pessoas com nomes e sotaques sérvios para intimidar as testemunhas com a sua presença. Ela identificava-se, falsamente, como advogada de direitos humanos atuante em Sarajevo, mas, na verdade, seu escritório funcionava em Ljubljana e Belgrado (COHEN, 1996).

Ambos os advogados admiravam não só Radovan Karadzic, general sérvio bósnio banido do partido comunista por ter cumprido pena por fraude e filho de um criminoso condenado de guerra pelo massacre de muçulmanos na Segunda Guerra Mundial (tradição essa que foi seguida por ele), como também Jovan Raskovic, outro psiquiatra, mentor de Karadzic, e chefe do departamento de psiquiatria e neuropsiquiatria de uma clínica em Sibenik, Croácia.

Raskovic desenvolveu uma teoria psicanalítica que justificava a inferioridade dos croatas e muçulmanos e a superioridade dos sérvios, consagrada na obra *"Lula zemlja"(* um país louco, em servo croata) que diagnosticava os croatas como vítimas do complexo de castração, o que os tornava incapazes de exercer autoridade, mas que seria compensado pela sua grande cultura- enquanto que os muçulmanos era diagnosticados, em termos freudianos, como vítimas de frustrações anais, o que os incitaria à busca de riqueza e fanatismos. Os sérvios, por sua vez, eram diagnosticados como tendentes a buscarem a libertação da figura paterna, donos de um forte espírito de resistência e definidos como corajosos guerreiros (COHEN, 1996).

Raskovic, assim como Karadzic, não só produzia esse tipo de literatura como ocupou posições políticas importantes, sendo inclusive o fundador do Partido Sérvio Democrata na Croácia, partido esse liderado por três antigos pacientes seus na clínica de Sibernik. Ambos promoviam palestras em toda a Bósnia onde eles procuravam incitar a população sérvia local ao ódio e à militância contra os muçulmanos.

Suas ideias eram refletidas nos EUA também no meio acadêmico. Dois nomes devem ser citados aqui: Svetovar Stojanovic e Mihailo Markovic, filósofos membros da Academia Sérvia de Letras e Artes e também membros da Academia de Humanismo de Buffalo, em Nova York. Stojanovic foi antigo copresidente do Sindicato Internacional Humanista e Ético e professor de filosofia nas Universidades de Belgrado e do Kansas, tendo atuado como conselheiro chefe de Dobrica Cosic, em 1992. Markovic foi, durante anos, membro da Associação Americana Filosófica e vice-presidente do partido socialista sérvio e um dos principais ideólogos de Slobodan Milosevic. Os contatos constantes da comunidade sérvio americana com os escritos desses acadêmicos ajudavam a disseminar os interesses dos sérvios nos EUA e a fomentar o ódio contra os muçulmanos (BLITZ, 1996).

Ainda, o lobby sérvio dentro dos EUA foi reforçado por duas agências de propaganda: a Aliança de eleitores sérvio americana e o Congresso de Unidade Sérvio. Elas organizavam palestras, produziam vídeos e davam suporte a jornalistas serbófilos e funcionavam segundo os moldes de associações cívicas norte americanas, fazendo-se passar por organizações de estrutura democrática e liderança profissional, o que servia para reforçar seu argumento de que suas opiniões deviam ser toleradas em respeito aos direitos civis básicos.

O Congresso de Unidade Sérvio foi a mais ampla organização sérvia nacionalista a atuar nos EUA e tinha sedes em Napa, California e Washington, D.C. Sua diretora central era Jelena Kolarovich a qual trabalhava em coordenação com Mirjana Samardzija, antiga diretora da sede do Congresso em São Francisco. Em Washington, outra figura central era Danielle Sremac, responsável entre outras coisas por organizar a representação da organização em contatos com membros do Congresso e na captação de recursos para o funcionamento da mesma, com a contribuição financeira dos sérvios americanos residentes em solo americano.

Blitz (1996) observa que quatro empresas de relações públicas foram contratadas pelo Congresso de Unidade Sérvio para dar suporte à campanha sérvia, sendo a mais atuante a firma Manatos & Manatos, com sede em Washington. Essa empresa apoiava alguns membros do Congresso norte-americano que poderiam ter simpatia pela causa sérvia e fazia uso da tática do *bundling* – reunião de

contribuições individuais feitas simultaneamente a representantes eleitos para fazer parecer que foram feitas por um comitê de ação política.

Um dos congressistas que mais se aproveitou desses investimentos sérvio americanos foi Lee Hamilton, cuja lista de contribuintes chegou a ser formada por 90% de membros da comunidade sérvio americana e simpatizantes em 1993. O Congresso de Unidade Sérvio conseguiu contatos importantes de lobby nesse mesmo ano, chegando até a garantir encontros de seus integrantes com membros do Comitê do Senado de Relações Internacionais e do Conselho de Segurança Nacional (BLITZ, 1996).

Em análise da atuação dos lobistas sérvios americanos nos EUA, Blitz (1996) conclui que, embora os esforços e levantamento de recursos tenham sido consideráveis, não se pode atribuir uma relação forte de causa e efeito entre as escolhas dos norte-americanos em sua política externa para a condução da negociações e resolução do conflito na Bósnia e a propaganda e atuação dos lobistas e intelectuais sérvios, pois a motivação para a inação dos norte-americanos e para sua atitude incerta e demorada estava em grande medida ligada aos seus interesses maiores de manutenção de sua hegemonia no sistema internacional.

No entanto, como vimos acima, as narrativas sérvias circularam pelos corredores do poder em Washington com considerável frequência e em diversos momentos foram essas as versões ouvidas pelos decisores norte-americanos em seus momentos de definição sobre suas ações em relação ao conflito na Bósnia, ainda que as mesmas tivessem sido adotadas como mera narrativa instrumental a atender aos objetivos estratégicos do país na região em diferentes contextos.

A Bósnia e os intelectuais na atualidade: heranças da guerra e os desafios do contexto contemporâneo

O caso da Guerra da Bósnia se tornou um dos mais emblemáticos exemplos das complexidades que o pós Guerra Fria trouxe para a Europa e para as Relações Internacionais na contemporaneidade. O pós-guerra foi marcado por um longo período de reconstrução do Estado agora dividido em linhas étnicas e ainda contaminado por ressentimentos entre os que sobreviveram à limpeza étnica. Passados quase trinta anos do fim dos conflitos, a região volta a vivenciar situações de tensão sobretudo em razão da estrutura de governo disfuncional, das falhas

constitucionais e das dificuldades econômicas que foram deixadas como herança para as novas gerações, as quais agora testemunham o retorno de narrativas nacionalistas étnicas.

Segundo o instituto Ifimes (International Institute for Middle East and Balkans Studies)[10], as autoridades europeias e ocidentais continuam se equivocando ao não refrear lideranças na região que, em última instância, colaboram para o aumento da fragilidade das instituições bósnias e para uma possível fragmentação territorial.

Nesse sentido, um dos principais atores políticos a serem monitorados na região é o antigo presidente da porção sérvia do país (a República Srpska) e atual representante da República na presidência tripartite da Bósnia, Milorad Dodik, uma figura reconhecida por ter chegado ao posto em condições duvidosas, com uso de fraude nas eleições. Algo semelhante se verifica nas suas ações atuais, voltadas para a supressão da liberdade de expressão dentro do território com emendas ao Código Criminal da República Srpska as quais ampliam a definição do crime de difamação, na tentativa de com isso ter meios para perseguir seus opositores, integrantes da sociedade civil e jornalistas[11].

Seu comportamento é igualmente abusivo em relação às regras internacionais e às normas estabelecidas pelo escritório[12] para o monitoramento da Bósnia e Herzegovina e criado a partir dos Acordos de Dayton, inclusive no uso da força policial ao gerar diferentes incidentes com representantes da comunidade islâmica da região, em busca de promoção de conflitos com os muçulmanos. O Conselho Interreligioso que havia sido formado durante o pós-guerra para administrar as diferenças religiosas e restabelecer o convívio multicultural entre as três etnias – sérvio ortodoxos, croatas católicos e bósnios muçulmanos – foi desativado e, segundo o Ifimes, o crédito para o fim das atividades desse conselho pertence à União Europeia, que deixou de financiar projetos de reconciliação interétnica e de diálogo entre religiões.

Analistas internacionais alertam que os agentes europeus atuais, assim como os dos anos 1990, não se guiam pela busca de um entendimento sobre as reais intenções dos agentes políticos em ação, mas apenas buscam garantir auto

[10] https://www.ifimes.org/en/institute/about-us , acessado em 10 de Janeiro de 2024.
[11] https://www.ifimes.org/en/researches/2023-bosnia-and-herzegovina-who-undermines-fragile-peace-in-bih/5144?, acessado em 10 de janeiro de 2024.
[12] https://www.ohr.int/about-ohr/general-information/ , acessado em 09 de Janeiro de 2024.

sustentabilidade à região, tentando protegê-la de possíveis influências externas vindas do antigo bloco soviético. A invasão da Rússia à Ucrânia intensificou esses temores e facilitou o avanço da Bósnia ao status de candidata à entrada no bloco, mas não reduziu as pressões das instituições europeias e internacionais em torno de seu sistema eleitoral e político, levando o Tribunal Europeu para os Direitos Humanos a definir o país como uma 'etnocracia'[13].

Quanto ao papel dos intelectuais nessa região, ele permanece semelhante ao dos tempos passados. As lideranças dos grupos étnicos mantêm suas bases de atuação em suas comunidades e as representações religiosas são ainda responsáveis, em boa medida, pela interpretação das dinâmicas sociais, políticas e econômicas para esses indivíduos. No caso da comunidade muçulmana, embora permaneça mais secular se comparada com as demais comunidades muçulmanas existentes no globo, ela segue sendo bastante conservadora e preocupada com os rumos que a política dentro da Bósnia tem tomado, sobretudo em relação às declarações nacionalistas de Dodik. E existem fortes razões para isso, infelizmente.

Milorad Dodik foi presidente da República Sprska por dois turnos e em 2018 venceu as eleições para a ocupar a cadeira sérvia na presidência tripartite da Bósnia. Até então, ele era conhecido por ser um político moderado que indicava ser favorável ao processo de construção da paz, da reconciliação e da unidade nacional. O ocidente o considerava a principal promessa política dos tempos mais recentes na região enquanto que os seguidores de Radovan Karadzic o tomavam por traidor dos sérvios por não abraçar a bandeira nacionalista. No entanto, a partir de 2018, Dodik e seu partido da Aliança Independente dos Sociais-Democratas (SNSD) passaram a adotar uma retórica completamente diferente, ao elaborarem um discurso que enfatizava a identidade sérvia ao mesmo tempo em que buscava enfraquecer a identidade nacional bósnia, retomando a narrativa dos sérvios como vítimas, agora entendidos como silenciados ou desrespeitados pelas autoridades locais e internacionais. (IFIMES,2024)

Aos poucos, Dodik foi se transformando no principal intelectual burocrata do nacionalismo sérvio na Bósnia e na mais forte ameaça ao país, dado que sua atuação na presidência tripartite passou a ser prejudicial às reformas necessárias para a

[13] https://pt.euronews.com/video/2023/08/29/tribunal-eleicoes-na-bosnia-herzegovina-antidemocraticas, acessado em 10 de Janeiro de 2024.

construção do Estado bósnio e fundamentais para a entrada do país na OTAN e na União Europeia. Sua principal tática tem sido, além dos discursos nacionalistas que indicam seu desejo de autonomia da República Spska para depois uni-la à Sérvia, o uso de Referendos como forma de avançar seus interesses políticos de forma legitimada, levando a uma polarização e radicalização do cenário político bósnio.

Como observa Nada Beglerovic (2020), embora os referendos acabem produzindo maior fragilidade no já disfuncional sistema político bósnio, Dodik insiste que os mesmos representam um ato democrático garantido pela Convenção da ONU. Vale lembrarmos, contudo, que Dodik já fazia uso desse recurso desde 2003, dentro da República Spska, tendo ele conseguido promover, em 2016, um referendo para a criação do dia da República Spska, mesmo em fragrante desrespeito à Corte Constitucional da Bósnia, que declarou o feriado inconstitucional por celebrar apenas uma das partes constituintes do país e representar uma medida que geraria divisão, além de a data coincidir com um feriado religioso sérvio ortodoxo, o que discriminava os cidadãos de outras referências étnicas e religiosas.

Apesar de suas ações já indicarem sua postura nacionalista, nada foi feito para que passos maiores não fossem dados por Dodik. O avanço dos referendos passou a ser um indicativo não só da paralisia do sistema político bósnio, mas também apontava para a relutância ou negligência da comunidade internacional e dos agentes de monitoramento em buscarem impedir sua escalada. Assim, uma vez na presidência tripartite, as ações de Dodik tornaram-se ainda mais desafiadoras, levando-o a elaborar falas que retratam a comunidade internacional como parceiro traiçoeiro que toma decisões em detrimento da República Spska.

Ainda, o líder buscou retratar o Alto Representante do escritório de monitoramento da Bósnia como agente ditador e rechaçar a identidade bósnia em favor da identidade sérvia, apresentada por ele como única em termos culturais e linguísticos. Para Dodik, todos esses fatores fariam a República Spska merecedora de um território que autônomo em um primeiro momento para, em momento subsequente, ser integrado à Sérvia (BEGLEROVIC,2020).

Por fim, Dodik se mostra consciente dos ganhos políticos que ele pode obter com o apoio de lideranças vizinhas as quais possam se beneficiar com suas posições e intenções também. Esse é o caso da Rússia, a quem Dodik busca elogiar com considerável frequência, ao enfatizar os laços de cooperação econômica entre a RS e

aquele país e ao apresentar a Rússia como um guardião da região desde que os russos vetaram no Conselho de Segurança da ONU uma resolução que buscava confirmar o julgamento de Haia classificando o massacre de Srebrenica como genocídio. A contrapartida de Putin, nesse caso, seria a possibilidade de obter a colaboração de Dodik para refrear o avanço da OTAN e da União Europeia na região. (BEGLEROVIC, 2020)

Tendo esse grave cenário em vista, um grupo de intelectuais bósnios, segundo um noticiário local[14], escreveu um documento para o presidente do Comitê de Relações Exteriores do parlamento alemão- Bundestag- em razão de suas preocupações com a situação na Bósnia, salientando que a paz e a estabilidade do país se encontram em ameaça. No documento, intelectuais como Senad Pecanin, Senada Selo-Sabic, Edina Becirevic, Sead Turcalo e Vedran Djihic observaram que

> Isso é especialmente significativo considerando a agressão da Rússia contra a Ucrânia e ao fato de que há uma guerra ocorrendo na Europa. Nós não desejamos levantar falsos alarmes, mas desejamos chamar sua atenção porque acreditamos que se a Bósnia e Herzegovina continuar nesse caminho, ele levará a um conflito violento. As consequências de tal conflito, independentemente de sua escala, seriam difíceis de conter e seriam sentidas para além das fronteiras da Bósnia e Herzegovina[15](N1, 2023, s.p.)

No mesmo documento, os intelectuais apontam que os ataques frequentes aos ativistas LGBT e as diferentes tentativas de supressão da mídia através da adoção da lei que amplia o significado de difamação, assim como o anúncio de uma lei que passaria a classificar os ativistas de organizações não governamentais como agentes estrangeiros, já serviriam de fortes indicativos para evidenciar as tentativas de líderes políticos partidários de nacionalismos étnicos de colocar em ameaça a ordem liberal democrática no país. Para eles,

> Esses eventos ignoram abertamente a resolução do Bundestag sobre a Bósnia e Herzegovina de 08 de Julho de 2022. De acordo com o espírito e conteúdo de nossa resolução, é necessário se reiterar firmemente a visão da Bósnia e Herzegovina como um Estado baseado nos princípios da democracia liberal, na qual os cidadãos são

[14] https://n1info.ba/english/, acessado em 10 de Janeiro de 2024.
[15] https://n1info.ba/english/news/bosnian-intellectuals-urge-bundestag-to-protect-peace-and-stability-in-bih/, acessado em 11 de Janeiro de 2024.

> completamente iguais independente da etnia, religião, raça ou outra identidade. Quase 30 dias depois do fim da guerra, a paz na Bósnia e Herzegovina não se estabeleceu firmemente, na medida em que os nacionalistas continuam a defender regras de exclusão étnica. O real progresso feito na década imediatamente posterior à guerra tem sido sistematicamente revertido nos últimos quinze anos. (IDEM)

O documento foi endereçado ao Bundestag em razão de a Alemanha ter sido um dos membros fundadores da União Europeia e representar hoje o membro mais poderoso, na tentativa de se buscar a recuperação do sistema político vigente na Bósnia e reforçar a proteção do *rule of law* e dos direitos humanos na região, a partir da reafirmação do compromisso do bloco com um sistema que preserve os direitos de todos os cidadãos. Esse movimento buscou, assim, contornar a figura do Alto Representante para a região, o diplomata Christian Schmidt, cujas decisões, segundo os intelectuais no documento, aumentaram, desde que ele assumiu a função em 2021, as ameaças à preservação de uma sociedade democrática, aberta e resiliente. Segundo o instituto Ifimes, há indícios de corrupção e de favorecimento aos sérvios da República Spska dentro do escritório europeu de representação para a Bósnia e, para os intelectuais bósnios, as decisões de seu alto representante foram negligentes a ponto de facilitar o fortalecimento dos nacionalistas étnicos, permitindo que eles expandam sua rede de corrupção. (IFIMES, 2023, s.p)

Quanto aos norte-americanos, segundo o jornal The Guardian[16], as orientações têm sido no sentido de auxiliar o governo da Bósnia a frear as ações cada vez mais nocivas do presidente Milorad Dodik, inclusive com o sobrevoo de caças F16 sobre a Bósnia para inibir algumas provocações do presidente, quando da organização de uma parada militar para aumentar a escalada das tensões nacionalistas e de cunho separatista na região. No entanto, a falta de continuidade de compromisso dos norte-americanos com as medidas de promoção da estabilidade e reconciliação entre as etnias na região levaram ao entendimento de que suas ações são sempre muito poucas e muito tardias ou, o que é pior, insignificantes já que as ameaças vindas dos EUA não são mais percebidas com a mesma seriedade com que eram percebidas antes do enfraquecimento do sistema democrático do país desde a eleição de Donald Trump.

[16] https://www.theguardian.com/world/2024/jan/09/us-joins-bosnia-in-show-of-support-on-eve-planned-celebration-by-serb-nationalists, acessado em 12 de Janeiro de 2024.

Assim, o que o contexto atual da Bósnia denota é que, embora existam ainda na região intelectuais que persistem – tanto na burocracia quanto junto à sociedade civil – atuando em desvio dos seus propósitos de ator cultural a inspirar as lideranças políticas no modo correto de se produzir e praticar política, há também um movimento da intelectualidade bósnia que parece ter apreendido as lições que a guerra trouxe e que tem buscado agir de forma mais significativa para impedir que um novo ciclo de irracionalidade e violência se instale no país.

De qualquer forma, o maior desafio desses intelectuais parece ser a existência de novos atores políticos com intenções de ampliação de poder os quais têm buscado fundamentar suas ações com base em narrativas nacionalistas étnicas sustentadas nas antigas ideologias separatistas dos intelectuais do tempo da guerra. A diferença é que hoje esses atores se mostram hábeis no uso das novas tecnologias para fazer circular suas narrativas em escala regional e global segundo sua conveniência. Figuras políticas sérvias que dão suporte ao presidente Dodik corroboram seus discursos com terminologias e expressões que lembram em muito a narrativa de Wladimir Putin, levando-os inclusive a serem chamados de 'putinistas'. Essa associação com lideranças externas de perfil autoritário e nacionalista só torna esse movimento ainda mais preocupante e perigoso cujas consequências, só o tempo dirá.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**, Cia das Letras, SP, 2008.

BEGLEROVIĆ, Nađa. Milorad Dodik's Use of Contentious Rhetoric in (De)constructing Bosnia and Herzegovina's Identity: A Discourse-Historical Analysis. Środkowoeuropejskie Studia Polityczne.113-132. 10.14746/ssp.2020.3.6.

BLITZ, Brad K. Serbia's war lobby: Diaspora groups and Western elites. In: MESTROVIC, Stjepan; CUSHMAN, Thomas. **This time we knew - western responses to genocide in Bosnia**. New York University Press, 1996.

BOBBIO, Norberto. **Os Intelectuais e o poder**. Editora Unesp, 1996.

CIGAR, Norman. **Genocide in Bosnia -the policy of ethnic cleansing**, Texas A & M University Press, 1995.

COHEN, Philip. J. The complicity of Serbian intellectuals in genocide in the 1990s. In: MESTROVIC, Stjepan; CUSHMAN, Thomas. **This time we knew - western responses to genocide in Bosnia**. New York University Press, 1996.

CONVERSI, Daniele. Moral Relativism and Equidistance in British Attitudes to the War in the Former Yugoslavia. In: MESTROVIC, Stjepan; CUSHMAN, Thomas. **This time**

we knew - western responses to genocide in Bosnia. New York University Press, 1996.

FERREIRA, Renata. **A Guerra da Bósnia: 1992-1995 – fatores explicativos da prática da limpeza étnica perpetrada pelos sérvios contra os muçulmanos bósnios**. Dissertação de mestrado, IRI /PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2001.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a formação da cultura**, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

HOBSBAWN, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**, Paz e Terra, 2012.

HOLBROOKE, Richard. **To End a War.** Modern Library, New York, 1999.

HUNTINGTON, Samuel. **The Clash of Civilizations: And The Remaking Of World Order.** Simon & Schuster Publishers, NY, 1997.

IFIMES. https://www.ifimes.org/en, acessado em janeiro de 2024.

KALDOR, Mary. **New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era,** 3rd edition, Stanford Univ. Press, 2012.

MANNHEIM, KARL. **Sociologia da Cultura**. Editora Perspectiva, 1974.

MERTON, Robert. **Social theory and social structure**. The Free Press, NY, 1968.

MESTROVIC, Stjepan; CUSHMAN, Thomas. **This time we knew - western responses to genocide in Bosnia.** New York University Press, 1996.

N1. https://n1info.ba/english/, acessado em janeiro de 2024.

OHR. https://www.ohr.int/about-ohr/general-information/, acessado em janeiro de 2024.

SALVADORI, Massimo. **Ideological Profile of Twentieth Century Italy**, Princeton University Press, 1995.

SMITH, Anthony. **Nacionalismo: Teoria, Ideologia, História.** Alianza Editorial, 2007.

THE GUARDIAN. https://www.theguardian.com/world/2024/jan/09/us-joins-bosnia-in-show-of-support-on-eve-planned-celebration-by-serb-nationalists, acessado em janeiro de 2024.

WOOD, J. Shearing C. Reinventing Intellectuals, Canadian Criminology, 41(2):311-320.

WOODWARD, Susan- International Aspects of the Wars. In: Udovicki, Jasminka; Ridgeway, James. **Burn this House - The making and unmaking of Yugoslavia**. Duke University Press, London, 1997.

Recebido em Fevereiro de 2024
Aprovado em Julho de 2024